

GASTON BACHELARD E O ESPAÇO: FENOMENOLOGIA E ONTOLOGIA COMO POÉTICAS DO VIVIDO

Valéria Cristina Pereira da Silva

Universidade Federal de Goiás-UFG, Instituto de Estudos Sociambientais-IESA, Goiânia, GO, Brasil
valeria_silva@ufg.br

RESUMO

Gaston Bachelard cultivava uma imagem do Geógrafo em seus textos filosóficos: um geógrafo universal e imaginário, da imaginação bachelardiana que, talvez, tivesse o seu espelhamento emblemático e romântico em Humboldt. Todavia, mal sabia Bachelard que fornecer-nos-ia, a nós geógrafos, um método em profundidade. Este texto buscará compreender a fenomenologia bachelardiana como as manifestações do espaço na consciência e a sua importância como motor e mecanismo ontológico da imaginação. O espaço é fator de partida da imagem que permitiu a Bachelard, a partir da fenomenologia como método de abordagem, a compreensão ontológica do espaço vivido.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Narrativa. Sensibilidade. Espaço Vivido. Cultura.

GASTON BACHELARD: PHENOMENOLOGY AND ONTOLOGY AS LIVED SPACE POETICS

ABSTRACT

Gaston Bachelard cultivated the image of a Geographer in his philosophical texts: a geographer from bachelardian imagination, universal and imaginary, who, perhaps, had an emblematic and romantic reflection in Humboldt. Bachelard, however, would inadvertently provide us, geographers, an in-depth methodology. This article endeavors to understand the bachelardian phenomenology as a manifestation of space in consciousness and its importance as an ontological mechanism and motor of imagination. Space is the beginning of an image that, taking phenomenology as a method of approach, offered Bachelard an ontological understanding of the lived space.

Keywords: Philosophy. Literature. Narrative. Sensibility. Lived Space. Culture.

INTRODUÇÃO

A busca por uma ontologia do espaço na obra de Gaston Bachelard a partir do imaginário resulta na abordagem aqui empreendida. Apresentamos o papel fundamental do espaço como fenômeno na consciência e na constituição do ser. A paisagem é dimensão sensível, estético-afetiva, emocional e simbólica do vivido, geradora de imagens primordiais. Objetivamos contextualizar as raízes de tal fenomenologia e apresentar as suas possibilidades de desdobramento de uma paisagem afetiva, enquanto manifestação na consciência que se projeta sobre o mundo.

É uma aventura fascinante empreender a jornada de conhecimento sob as asas da fenomenologia da imaginação presente na obra do filósofo Gaston Bachelard, um pensador que viveu a experiência científica alternando no reino dos conceitos e das imagens em sua filosofia e deixou-nos um legado capaz de abrigar e permitir infinitas novas teses e desdobramentos. Esta pesquisa, contudo, ocupará-se de explorar a ontologia do espaço no pensamento de Gaston Bachelard, sobretudo, o que corresponde ao seu estudo sobre o imaginário ou como ele mesmo definira: sua obra noturna. Desse modo, é um tema central deste trabalho compreender a existência e a manifestação da consciência do espaço na obra bachelardiana, bem como sua relevância e as naturezas afetiva, emocional e mnemônico-imaginária do espaço por meio da matéria poética eleita pelo filósofo para compor sua cosmogonia intuitiva, metafísica e fenomenológica na rica galeria de imagens amadas como reveladoras de paisagens afetivas. O segundo objetivo, também nesta perspectiva de compreender a importância dada ao espaço, é revelar, por meio da topografia do ser íntimo, os desdobramentos afetivos da paisagem e do espaço vivido nas imagens imaginárias. Partimos assim, de *A poética do Espaço*, como uma das últimas e mais importantes obras de G. Bachelard, em sua vertente filosófica do imaginário, seguindo o trajeto deixado pelas obras dedicadas à imaginação poética as

cosmogonias dos quatro elementos – o fogo, a água, a terra e o ar – como constituidores de paisagens e buscamos destacar a importância do espaço. A presença do espaço como um elemento fundamental do devaneio em toda poética e como o elemento distintivo da narrativa, podendo ser central, nas obras literárias.

O percurso metodológico para colocar em marcha esses objetivos será, num primeiro momento, apresentar este sentido do espaço e, sobretudo, o espaço vivido. Num segundo momento, a exploração do estado da arte da obra bachelardiana, ao buscar suas origens e influências, fundamentalmente no que tange os interesses do presente recorte – a ontologia do espaço – pois, considerando a vastidão que ela engloba, sobretudo, em sua bipolaridade (para usar uma expressão de Canguilhem¹), é necessário delimitar bem o trajeto a ser seguido. Compreender o pensamento como uma abertura fora do que Gaston Bachelard sempre nos ensinou tanto em sua epistemologia como em sua fenomenologia da imaginação, uma forma de ontologia metafísica. É seguindo a sua lição que lançamos a hipótese de que o Bachelard noturno, cuja obra é voltada para as imagens, é aquele que dedica uma atenção especial ao espaço. E esse é, sobretudo, um espaço vivido. Os elementos da paisagem e seu simbolismo, através da água e das rochas, os devaneios da terra e os sonhos do ar ligam-se tanto ao espaço vivido como ligam o imaginário a um imenso *tableaux* de geografia poético-literária. Assim, nos perguntamos: em que consiste o pensamento fenomenológico de G. Bachelard? E por que o espaço aparece como um eixo gerencial em sua obra sobre do imaginário? Para responder a essas perguntas, seguimos, primeiro, as pistas deixadas por Bachelard ao longo de sua obra sobre a imagem poética e, num segundo momento, buscamos investigar o estado da arte da fenomenologia bachelardiana partir do exame de sua obra, Bachelard (1978, 1985, 1988a, 1988b, 1989, 1993, 1997, 2001, 2003, 2008a, 2008b), e também a partir dos autores que realizaram uma cuidadosa investigação epistemológica da obra de Gaston Bachelard tanto em sua vertente noturna (fenomenologia poética), como na diurna (racionalismo científico), tais como Lescure (1983), Canguilhem (1957,1975), Ginestier, (1968) Quillet (1977), Gouhier (1970), Dagognet (1965), Pessanha (1985), Almeida (2007), Simão (2011), Pariente (2001).

Por fim, no rastro das imagens-paisagens fenomenológicas bachelardianas e na constituição das imagens culturais na consciência, propomos pensar num campo do imaginário, cujo espaço, enquanto paisagem e lugar, está plasmado e lhe é constituinte, sobretudo, na organização das narrativas mítico-simbólicas e literárias. Fechamos, por fim, com a poética do ser em sua emoção e o encontro com a fenomenologia da imaginação.

O PAPEL ONTOLÓGICO DO ESPAÇO

Na fenomenologia do imaginário bachelardiano observamos sempre uma relação com o espaço vivido, seja a partir do estudo da imaginação poética, seja por suas próprias lembranças, às quais Gaston Bachelard insere-se como sua uma experiência íntima em sua filosofia, o verdadeiro espaço íntimo que constitui o vivido:

Era uma manhã de inverno em nossa casa pobre. O fogo brilhava na lareira. Davam-me xarope de Tolu. Eu lambia a colher. Onde foram parar esses tempos de calor balsâmico e dos remédios de cálidos aromas?

Quando eu estava enfermo, meu pai acendia o fogo em meu quarto. Ele tinha um grande cuidado ao dispor as anchas de lenha sobre os gravetos, ao introduzir entre os cães um punhado de cavacos. (BACHELARD, 2008a, p. 13)

A casa da infância, a região de Champagne, o campo, o rio, os pássaros são contemplados na imagem lembrança de Bachelard e esse espaço vivido anima sua profunda filosofia ao mesmo tempo em que a investigação do imaginário fornece os mais especiais sentidos à paisagem. A terra natal é, para ele, uma matéria na qual materializamos nossos devaneios. Tudo é paisagem, tudo é passível de se converter em paisagem. Assim, para Bachelard (1997), não é possível sentar-se perto de um riacho sem cair em um devaneio profundo no qual ele articula todos os sentidos:

Reencontro sempre a mesma melancolia diante das águas dormentes, uma melancolia muito especial que tem a cor de um charco numa floresta úmida, uma melancolia sem opressão, sonhadora, lenta, calma. Um detalhe ínfimo da vida das águas converte-se frequentemente para mim, em símbolo psicológico essencial. Assim o cheiro de menta

¹ G. Canguilhem (1970), na introdução dos *Études* – uma coleção de artigos de Gaston Bachelard – afirma que em 1938, por publicar simultaneamente *A formação do espírito científico* e *A psicanálise do fogo*, Bachelard revela a bipolaridade coerente, mas também desconcertante de sua filosofia.

aquática acorda em mim uma espécie de correspondência ontológica que me faz acreditar que a vida é um simples aroma [...] Nasci numa região de riachos e rios num canto da Champagne povoado de várzeas, no Vallage, assim chamado por causa do grande número de seus vales. A mais bela das moradas estaria para mim na concavidade de um pequeno vale, às margens da água corrente, à sombra curta dos salgueiros e dos vimeiros. E, quando outubro chegasse, com suas brumas sobre o rio... Meu prazer é ainda acompanhar o riacho, caminhar ao longo das margens, no sentido certo, no sentido da água que corre, da água que leva a vida alhures, à povoação vizinha. (BACHELARD, 1997, p. 8)

Quando observamos o foco ontológico do espaço para uma fenomenologia da imaginação, da imagem e do imaginário, nesses conceitos interligados, percebemos o percurso realizado desde e o primeiro livro dessa vertente, *A psicanálise do fogo* até culminar em *A poética do espaço*. Os elementos primordiais da matéria (ar, água, terra e fogo) que, não raramente, convertem-se em paisagem, lugar e espaço vivido.

Bachelard, de certo modo, foi “geofenomenólogo” ou um fenomenólogo voltado para o espaço – mesmos com os riscos de hipérbole nesta consideração, observamos em sua metafísica uma tônica espacial, a psicanálise das profundidades que empreende e a ontologia direta de seu aporte fenomenológico convergem num topos ontológico, o ser e o mundo como topografia de sentido, topofílica e topoanálitica.

Bachelard (1993) fala ao Geógrafo que é preciso superar a descrição e atingir o esforço do fenomenólogo para compreender, por exemplo, o cosmo que é a casa, como nosso canto do mundo e como espaço vital. “O geógrafo, o etnógrafo podem descrever os mais variados tipos de habitação. Sobre essa variedade, o fenomenólogo faz o esforço necessário para encontrar o germe da felicidade central, segura, imediata” (BACHELARD, 1993, p. 24).

A ideia de um espaço vital e ao mesmo tempo um espaço topofílico conjuga-se também por meio das influências do romantismo alemão em Gaston Bachelard, principalmente Novalis, mas também Humboldt²:

Para esses estudos do devaneio idealizante, o filósofo já não está limitado aos seus próprios sonhos. Todo romantismo [...] pode ser revivido como um humanismo de amor idealizado. Se pudéssemos também destacá-lo de sua história, se pudéssemos tomá-lo em sua vida exuberante e transportá-lo para uma vida idealizada de hoje, reconheceríamos que ele conserva uma ação psíquica sempre disponível. As páginas, tão ricas e tão profundas, que Wilhelm von Humboldt consagra aos problemas da diferença [...] (BACHELARD, 1997, p. 8)

A partir da fenomenologia, Bachelard (1989, p.10) considera como a imagem verdadeira aquela vivida primeiro na imaginação, no mundo imaginado, ou seja, uma imagem que pode partir de cópias deformadoras da percepção e passa a ter origem em nossa consciência, pois é através do mundo imaginado que conhecemos o surgimento da poesia. A poesia, assim, cria um mundo e abre o espaço, um espaço sonhado e vivido. Nesta perspectiva do imaginário, o espaço ontológico é parte do ser. A fenomenologia é o método que Bachelard assume completamente em suas obras *A poética do espaço*, *A poética do devaneio* e *A chama de uma vela* que o levariam também aos *Fragmentos de uma poética do fogo*³ e, mesmo com a ênfase no primor das imagens conscientes e o poder das imagens novas, ele não deixa de considerar também o papel das imagens-lembranças, de certo modo, um patrimônio cognoscitivo que detemos em forma de imagem como ele mesmo expressa: “o sonhador vive em um passado que não é mais unicamente seu, no passado dos primeiros fogos do mundo.” (BACHELARD, 1989, p.11). O espaço é percorrido pelo impulso das palavras vividas, o espaço é ainda os alvéolos que contêm o tempo comprimido, Bachelard (1993).

Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsoniano. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-la na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura (p.28-29). É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas (BACHELARD, 1993, p. 28-29).

² Wilhelm von Humboldt era irmão mais velho do geógrafo Alexandre Von Humboldt, mas ambos estavam ligados ao espírito do romantismo alemão e o papel que o espaço detinha neste contexto.

³ Essa é uma obra póstuma.

Desse modo, Bachelard reúne por meio da palavra poética e de sua profundidade a origem da imagem e a ontologia do espaço numa profícua e profunda negociação entre a imaginação e a memória, mantendo em cada qual o seu papel e o seu valor. Ao examinar os poetas amados, o espaço assume um protagonismo já que é pelo espaço e através do espaço que temos a tomada de novas imagens e a conservação das durações abolidas.

Mas o que é de fato o espaço vivido? É aquele que reúne, todos os sentidos, os sonhos, as agruras e felicidades, todos os canteiros da alma estão lá neste espaço que se confunde com o próprio ser, cabendo nele a imaginação, a memória, as percepções, a emoção e o acúmulo de tantos dias daquilo que somos:

Nos seus notáveis estudos sobre os devaneios inspirados pelas matérias elementares, Gaston Bachelard esqueceu a neve. Um esquecimento bastante desculpável para um natural de Champanha. Champanha e Borgonha, vocábulos demasiado carregados de sabores e de perfumes para que a neve aí desempenhe outro papel que não o do episódio assaz breve, vivendo uma tradição que está longe de ser boreal, acredita na existência de apenas quatro elementos. E até, se quiser psicanalisar com simpatia o nosso psicanalista, apercebemo-nos de que a terra desempenha um papel mais fundamental nos devaneios de um continental da planície do que a água cara aos marinheiros: “o mar, o mar, sempre recomeçado!” Mais do que o ar já tão alpino e “ascensional” ou que o fogo dos segredos vulcânicos. Bachelard consagra duas obras em cinco ao elemento terrestre. Quando o químico de Champanha se aventura na montanha, é ainda a terra e a rocha que ele evoca (DURAND, 1996, p.11).

Verdadeiramente, como afirma Durand (1996), a terra é celebrada na obra bachelardiana, mas não significa isso que Bachelard esqueceu completamente a neve, ele a compreende a partir de poetas como Baudelaire:

Na sequência desse “paraíso artificial”, mergulhado no inverno, Baudelaire diz que o sonhador pede um inverno rude “Pede anualmente ao céu tanta neve, granizo, geada quanto seja possível. É preciso que haja um inverno canadense, um inverno russo. Seu ninho será mais quente, mais doce, mais amado. (BACHELARD, 1993, p. 56)

Há percepção e imaginação, a casa é mais confortável com a neve caindo lá fora: se as cortinas forem escuras, a neve será mais branca. – O inverno, “a estação triste” para Baudelaire, configura “extratos da ventura do inverno”, ou seja, na poética do espaço há também uma meteorologia poética, o espaço pede um clima, Bachelard (1993, p. 57). Desse modo, na poética do espaço, embora o foco seja o espaço íntimo e sua imaginação fundadora a partir da casa, ela contempla as mais amplas dimensões do espaço o dentro e o fora, o abrigo e o caminho numa intensa dialética do interior e do exterior:

[...] um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito. Pela simples lembrança, longe das imediações do mar e da planície, podemos, na meditação, renovar em nós mesmos as ressonâncias dessa contemplação da grandeza. [...] Essa “imensidão” nasce de um corpo de impressões que não derivam realmente de ensinamentos de geografia [...] Quanto a mim só sei meditar as coisas da minha terra [...] Quanto aos campos e às pradarias, meus sonhos e minhas lembranças os acompanham em todos os tempos da lavoura e das colheitas (BACHELARD, 1993, p. 189, 191,194).

Evocando a geografia, no mais das vezes contrapondo-se ao geógrafo clássico, Bachelard (1993) expõe o seu espaço fenomenológico na ontologia do próprio ser que sonha, lembra e confere sentido aos lugares amados. A imensidade do mundo na profundidade do ser íntimo, eis a soma dos espaços que reunimos, as maravilhas do jardim, os mistérios da floresta, o alto e baixo da casa, seus cantos, o mar imenso, o rio da nossa terra, os campos... e o sentimento do olhar profundo. Os tons, as formas, o relevo são uma manifestação de ser, um espaço ontológico.

A FENOMENOLOGIA DE GASTON BACHELARD: RAÍZES e REFLEXOS

Observamos que o percurso e a aquisição do sentido do espaço na obra bachelardiana dá-se na emergência da imagem à consciência, as imagens são espacializadas na sua fenomenologia e tal perspectiva pareceu-nos aproximar-se, assim, da expressão heideggeriana *Dasein*, transmitindo a ideia de ser no mundo, ser-aí, ou seja, há espacialidade no ser. De acordo com Holzer (1998), o *Dasein* heideggeriano, dentre as várias interpretações, pode significar ser-aí, no qual a espacialidade é responsável pela dimensão sensível, memorial-afetiva, a dimensão emocional e acrescentaríamos

também a essa perspectiva a atividade imaginária, como mais uma região fenomenológica, na construção narrativa do ser em sua temporalidade, manifesta além da memória afetiva da paisagem, o espaço vivido que também anima a imaginação. Heidegger (2015) traz no conceito de *Dasein* o sentido de espacialização das coisas, como seres no mundo. Os seres, como o homem, são privilegiados por meio da linguagem e ela mesma é uma morada essencial do ser, na capacidade de nomear está a possibilidade de dar existência as coisas. As coisas são gestos do mundo, o mundo concede as coisas, o mundo e as coisas se interpenetram, o meio dos dois é a intimidade conforme Heidegger (2015, p.17).

Bachelard detém-se no conteúdo das imagens, na tonalização das imagens, na consciência do ser, aquilo que faz surgir as imagens inovadas, ampliadas e plenas de floração no *devenir*, independente do passado ou da percepção. Embora essa pista, do *Dasein*, seja deixada por Bachelard, ele afirma, explicitamente, na poética do espaço – obra essa que é o ponto máximo de articulação da fenomenologia da imaginação - que em sua filosofia da poesia ele trabalha com a fenomenologia estudada por Eugène Minkowski.

Da fenomenologia heideggeriana, porém, Bachelard (1978) apresenta ainda uma outra pista: a noção de ontologia direta⁴, considerando o ser em si mesmo, ou seja, a imagem poética como detentora de um ser próprio, um dinamismo próprio. Portanto, mesmo de maneira indireta, a fenomenologia de Gaston Bachelard tem reflexos da fenomenologia de Heidegger e Husserl, sobretudo pela forma como trabalhou a sua ontologia:

Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Procede de uma ontologia direta. É com essa ontologia que desejamos trabalhar. Portanto, é quase no inverso da causalidade, na repercussão, tão agudamente estudada por Minkowski, que acreditamos encontrar as verdadeiras medidas do ser de uma imagem poética (BACHELARD, 1993, p. 2).

Bachelard foi um crítico da fenomenologia de Husserl⁵, de acordo com os estudos de Almeida (2007), Simão (2011) e Pessanha (1985), assim como foi um crítico de Bergson e do pensamento francês de sua época, que incluía Sartre. Almeida (2007, p. 20) assinala as profundas diferenças existentes entre Bachelard e Husserl, afirma que o contraponto exato entre a perspectiva de Husserl e Bachelard consiste na teleologia husserliana que chocava com a constante transformação das noções de base do conhecimento em Bachelard, como a incerteza que é uma das matrizes da modernidade em ciência e ainda “o não-cartesianismo da epistemologia bachelardiana rechaça completa e decididamente o resgate desta filosofia tal como fora empreendido por Husserl.” (ALMEIDA, 2007, p. 20). Embora isso seja posto, observamos que a fenomenologia nesses moldes, ou seja, aquela que foi elaborada por Husserl, afasta-se do sentido que essa denominação obteve ao longo da história da filosofia e, principalmente, daquela de Hegel. Mesmo com as variações ontológicas entre Husserl, Heidegger, Sartre, Bachelard ou mesmo Merleau Ponty, que para cada qual terá uma especificidade, tais desdobramentos têm uma base husserliana. Alliez (1996, p.72), ainda que tecendo uma crítica ao pensamento francês e advogando sobre a impossibilidade da fenomenologia na filosofia francesa, afirma que a forma geral sob a qual a fenomenologia se apresenta, foi Husserl primeiro quem a criou. Cada qual, por sua vez, transformou, dilatou ou alterou profundamente suas bases ontológicas, abrindo e possibilitando-a à sua maneira. De acordo com Dartigues (1973), Husserl, como base primordial da elaboração do pensamento fenomenológico, pretendia que a fenomenologia fosse uma ontologia universal. Os cadernos de história da filosofia informam uma série de desacordos entre os pensadores que enraizaram a fenomenologia na filosofia e a transformaram também em aporte teórico de acesso ao conhecimento científico. Entretanto, as investigações que correspondem às correlações entre o pensamento de Bachelard e Heidegger, embora Bachelard nunca o tenha registrado como fez com Minkowski, apresentam tais correspondências como plenamente possíveis: “Martin Heidegger que, se não concede uma atenção especial às imagens, atribui à linguagem e, especialmente, à linguagem poética uma função ontológica decisiva que pode ser reconhecida bem próxima da de Bachelard” (ALMEIDA, 2007, p. 49). Nesta mesma perspectiva de Almeida (2007), os estudos de Simão (2011) também apontam as possibilidades em estabelecer uma relação entre Bachelard e Heidegger, sublinhando, cada qual, a potencialidade da comparação e a proficuidade das diferenças: “Comparando Bachelard e Heidegger [...] ‘a solidão do *Dasein* heideggeriano é exílio e prisão, a de Bachelard, é viver-se em alegria’. Impossível será esquecer a presença humana no mundo formador das imagens (SIMÃO, 2011, p.

⁴ Heidegger opera uma transformação radical no sentido tradicional da ontologia. A partir de Heidegger, passa-se a conceber uma ontologia direta. Sobre esse estudo, ver Holzer (1998).

⁵ Ver BARSOTTI, B. Bachelard critique de Husserl. Paris: L'Harmattan, 2009.

75). De acordo com Almeida (2007, p.51-53), é bastante promissor estabelecer uma relação entre Bachelard e Heidegger de forma que é possível identificar em ambos, além da ontologia direta, uma correspondência a respeito da interdependência entre o sujeito e objeto, a relação entre ideia de linguagem poética de Heidegger e a imagem poética em Bachelard e, ainda, a valorização da concepção de espaço alcançada na poética do espaço bachelardiana que aproximar-se-iam do conceito de *Dasein*, o ser-aí, ou o ser no lugar, ou seja, o ser enquanto espaço. De acordo com as interpretações de Holzer (1998) acerca do *Dasein*, nesta abordagem ontológica, o ser seria impossível sem o lugar. Almeida (2007) e Simão (2011) partem das reflexões de Ramnoux (1979) e seu instigante artigo “Por um novo tecido linguístico da filosofia” no qual este examina o conceito de espaço presente na poética do espaço de G. Bachelard e suas relações, limites e negações com a obra Heidegger:

Bachelard introduz o exemplo do *l'être-là*, sem dar lugar, no tecido linguístico de sua própria língua, ao *Dasein* heideggeriano, sem citar Heidegger. Em outro lugar no capítulo “Le Cogito du rêveur” da *Poétique de la Rêverie*, Bachelard introduz o « o ser jogado no mundo » sem fazer referência ao « *Verworfenheit* », nem mesmo cita Heidegger. Teria ele lido somente esse texto? Não era por falta de conhecimento da língua alemã que ele havia apreendido, provavelmente, no seu Liceu de Champagne a menos que ele tivesse apreendido como autodidata, lendo seus poetas. Ele cita frequentemente, os poetas alemães, entre outros, cita o mais frequentemente Novalis e Rilke, poeta alemão, em alemão e em francês. Não só os admira, mas ele busca também as possibilidades poéticas, filosóficas e poético-filosóficas da língua alemã. Portanto, ele evitou ou rejeitou Heidegger (RAMNOUX, 1979, p. 524, tradução nossa).

De acordo com Ramnoux (1979, p.525), para imprimir o seu próprio pensamento no tecido linguístico francês, em *A poética do espaço*, Bachelard quis situar sua crítica no *être là* e não no *Dasein* e este fato fica bem destacado no plano linguístico, o que não significa que esses reflexos heideggerianos não estivessem presentes também no plano onírico e poético do devaneio. Contudo, por motivações diversas que merecem serem ainda mais bem exploradas, sobretudo de ordem histórica, Bachelard não se refere a Heidegger e tributa a raiz de sua fenomenologia a Minkowski, que exerceu sobre ele uma grande influência, como observamos, notificada na sua obra, com destaque para *A poética do espaço* e *A chama de uma vela*. Minkowski (1933, 1936) teve, por sua vez, entre outras influências, a fenomenologia de Edmund Husserl, assim como as obras de Henri Bergson. E, quando examinamos os estudos fenomenológicos na obra de Minkowski⁶, observamos que ele estabelece também uma comparação entre os dois autores – Bergson e Husserl – a respeito da importância que essas obras adquiriam naquele contexto: “É assim que nasce em nossos dias a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Bergson [...]. Essas duas correntes não tardarão exercer uma influência profunda em todo o pensamento contemporâneo” (MINKOWSKI, 1933, p. 3, tradução nossa). Minkowski (1933) era um entusiasta do pensamento de Husserl e Bergson e tal abordagem fenomenológica foi também um sintoma de época. Desse modo, mesmo silenciando ou opondo-se à corrente fenomenológica da filosofia alemã, os traços dessa fenomenologia e destes autores refletiram nas origens fenomenológicas de Gaston Bachelard, ainda que ele tenha instaurando uma dinâmica muito própria ao seu fazer fenomenológico. Essas nuances nos permitem, então, falar de uma fenomenologia bachelardiana, porque, mais do que fixar-se numa redução eidética, ele advoga o dinamismo das imagens. Bachelard inscreveu de originalidade a sua filosofia e de liberdade o seu pensamento. Assim, muitos conceitos filosóficos assumem conotações completamente novas e transformam-se na dobragem do seu próprio pensamento. Pariente (2001) traça uma interpretação dos conceitos fundamentais à luz da expressão bachelardiana: a dialética para Bachelard, por exemplo, não tem ligações com a compreensão de tal conceito em Platão, Hegel ou em Marx. Quando Bachelard cita Hegel, ele o faz para marcar o afastamento em relação a filosofia hegeliana da noção que ele constrói da dialética. Bachelard, assim, afasta-se de Hegel, afasta-se de Kant, afasta-se de Freud, conforme Simão (2011), e aproxima-se de Einstein, Minkowski e de Jung. Bachelard usa de total liberdade para ler e refletir sobre o que lhe apetece, sem que isso fosse uma negligência para com o rigor e qualidade do seu trabalho. Contudo, esse elemento traz também uma dificuldade: autores lidos por Bachelard, por vezes, são difíceis de mapear, como é o caso emblemático do conceito de ritmanálise que em *A dialética da duração*, Bachelard (1994) atribui ao autor luso-brasileiro Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos.

No que compete à relação entre Bachelard e Bergson, de acordo com Quillet (1977, p. 48), *A dialética da duração* pode ser compreendida como uma resposta à doutrina bergsoniana da continuidade,

⁶ Médico do hospital psiquiátrico Henri Rousselle e da casa de saúde de St-Mandé. Ver. MINKOWSKI, E. *Le temps vécu*, 1933.

sobretudo uma resposta à obra *La pensée et le mouvant* de 1934. Todavia, nesta perspectiva do contraponto à Bergson, Bachelard revelaria mais a multiplicidade de reticências do que uma oposição radical à sua teoria. Já Ginestier (1968) afirma que a obra de Bergson deixou uma influência profunda em Bachelard e, ao fazer ataques diretos e frontais a ela, primeiro questionando o fato de sermos excluídos na duração bergsoniana e, segundo, de que a tese que ele, Bachelard, então levanta, de modo geral e complexo, ia ao encontro da teoria bergsoniana, no sentido de completar uma teoria, que por essência não deveria receber complemento algum. Ginestier (1968, p.28) traça, assim, um paralelo entre a obra de Bergson e de Bachelard no sentido que apresenta *A intuição do instante* e *A dialética da duração* de Bachelard como duas refutações do pensamento de Bergson, autor cuja obra exerceu-lhe uma profunda influência.

Um debate com Bergson, se não estava estabelecido, já estava assinalado na obra de Minkowski (1933) e, quando investigamos as influências que Minkowski (1933, 1936) exerceu sobre Bachelard, observamos que muitos temas aprofundados por Bachelard estavam presentes também na obra de Minkowski.

Minkowski (1933) consagra atenção especial à questão do tempo e do espaço, atribuindo-lhes um papel central tanto na psicologia e na filosofia, como em toda cultura contemporânea. Mas, para Minkowski, o tempo é pensado como tempo vivido, na obra *Le temps vécu*, tanto o tempo como o espaço deveriam ser examinados de perto por cada um de nós e para além da técnica e do progresso.

O tempo vivido de Minkowski (1933) era o tempo assimilado ao espaço, mas não a partir do aspecto espacial e dos problemas impostos pela física moderna e pela teoria da relatividade, que, segundo ele, progredia de abstração em abstração. Deixava essa abordagem como pano de fundo e afastava-se para trazer o que havia de particular no tempo vivido. A fenomenologia que Minkowski (1936) apresenta em sua obra *Para uma cosmologia* elementos que, verdadeiramente, estão também presentes na obra de Bachelard tais como a interioridade e exterioridade, os fenômenos psíquicos e este dedica também atenção especial ao espaço ao longo do livro e sobretudo nos capítulos intitulados *Espaço Primitivo* e *Retenção*. Este livro também aborda a respeito dos sentidos e da percepção, sobretudo em um capítulo intitulado: *Nós vemos com os olhos?* O próprio Minkowski (1936) afirma que os três livros que publicara estão relacionados. *Para uma cosmologia* foi precedido por *A esquizofrenia* de 1927 e pelo *Tempo vivido* de 1933, o que compõe um bloco que sintetizava o seu pensamento. É sintomático dessa influência minkowskiana que a última obra de Bachelard, intitulada *Fragments D'Une Poétique Du Feu*, ou seja, uma obra póstuma que nos chega através do relato de Suzanne Bachelard (1988b), sua filha, que narra no prefácio sobre ter sido a primeira sugestão de título pensada por Bachelard para a obra *Le feu vécu – O fogo vivido* – e como toda a obra noturna sobre a poesia em profundidade, em Bachelard o vivido é um espaço vivido.

A fenomenologia da imaginação, de G. Bachelard, então, hidrata-se da fenomenologia de Minkowski e consiste no estudo da imagem poética quando “o ser da imagem emerge a consciência como um produto direto da alma, do ser tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 1993, p.2) ; opera também com a transsubjetividade ou intersubjetividade da imagem, ou imagem variacional – traços reflexivos da fenomenologia husserl-heideggeriana – ou seja, a anulação da dualidade entre o sujeito e objeto e a ideação variacional. A imagem não é um objeto, é ser, é ente. Desse modo, a poesia é fenomenologia da alma – um documento da consciência sonhadora. A fenomenologia da alma revela o primeiro compromisso da fenomenologia bachelardiana com o imaginário: sentir e amar a obra ao ponto de ir aonde tudo se origina e adquire sentido: a consciência criadora e receptora, que, em certo sentido, tornam-se uma: “na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser.” (BACHELARD, 1993, p.7).

Uma fenomenologia que considera a consciência em termos psíquico-culturais, cabe destacar que Bachelard ao escolher a fenomenologia de Minkowski ele parte também de um saber médico. Minkowski (1933) já colocava em perspectiva um debate com Bergson a respeito da memória nos casos patológicos, pois para ele:

“para mostrar que nem a ideia de tempo mensurável, no domínio do normal, nem a noção de desorientação no tempo, do domínio do patológico, não pode esgotar o fenômeno do tempo vivido [...] Primeiramente, nós não vivemos de todo tempo unicamente como uma sucessão perpétua de elementos da nossa consciência [...]” (MINKOWISK, 1933, p.13-14, tradução nossa).

Minkowisk, assim, já expunha um posicionamento contra o tempo visto enquanto duração, mensurável e a favor do tempo vivido.

Várias questões colocadas ao funcionamento da memória já estavam postas em marcha no contexto da produção da obra de Minkowisk (1933) tais como: a ordem temporal abstrata da nossa consciência e seu caráter seletivo para ao qual Minkowisk apresenta casos tanto na ordem do normal como do patológico para ilustrar sua realidade mais sutil, mais profunda no que concerne as projeções da consciência sobre o tempo e o espaço.

Certamente, a abordagem de Minkowisk contribui para as críticas que Bachelard lança à obra de Bergson *Matéria e Memória* e, principalmente, para que ele desse destaque à ontologia do espaço na formulação de sua própria fenomenologia.

Nessa trama da fenomenologia, como uma compreensão das imagens da consciência considerando que estava na base da fenomenologia de Gaston Bachelard também presente o saber médico da psicopatologia, junto com as outras influências, reflexos e rejeições que ele empreendeu. Isso porque falar de fenomenologia como fenômenos na consciência é tratar de uma complexidade que continua aberta ao devir.

ESPAÇO VIVIDO E PAISAGEM AFETIVA: O ONTOLÓGICO E O IMAGINÁRIO DE GASTON BACHELARD

A fenomenologia do espaço de raiz bachelardiana, incorpora o *être lá* da língua francesa, mas com a equivalência do *Dasein* heideggeriano que implica na ontologia do espaço, pois cada filosofia, no seio de sua língua, dá uma contribuição à compreensão deste ser que é em si mesmo o espaço vivido. E o espaço vivido não seria a instância ontológica que condensa a imagem, a lembrança e a sensibilidade?

Bachelard (1990) propõe que estudar o ato criador da imaginação, seria, sem dúvida, mais pertinente se nos dirigirmos às imagens sem passado, bem como às imagens do nosso próprio sonho, onde estão o nosso vivido. No entanto, busca mostrar que as imagens culturais e seu passado vivem sem dificuldades na linguagem, pois, segundo Bachelard (1990), a fenomenologia permite-nos fazer, com as imagens da tradição, um novo começo. Trata-se de imagens vividas da linguagem que reavivam um espaço vivido.

O primeiro pássaro na paisagem de G. Bachelard estava em seu próprio rio como imagens vividas. Rio *Aube* (Aurora), rio ampliado pela infância como paisagem afetiva, tranquilo e azul como o céu. O pássaro de fogo surgiu tal uma flecha lançada pelo firmamento:

Meu primeiro pássaro de fogo, eu o vi mergulhar em meu rio. Era um belo dia de sol, quando o rio recebe justamente seu nome de *Aube* (aurora), rio ampliado pela infância, tranquilo e azul como céu. O pássaro de fogo surgiu, tal uma flecha lançada pelo firmamento. O grito estridente, de onde vinha? Do pássaro de luz ou do menino assustado, da criança solitária? Muito rápido, empurrando o espelho, projetando pérolas d'água que foram talvez seu único butim, o pássaro tomou a partir rumo ao céu. Era um martim-pescador azul como o fogo aquecido. O pássaro desaparece, começam os sonhos. Ele viera do céu tão alto, de muito acima das árvores! [...] (BACHELARD, 1990, p. 54-55)

Essa chama desce do céu porque não vem suavemente mirar-se no espelho das águas, o Martim-Pescador que vem alimentar-se do peixinho prateado é cosmodrama da lembrança e ponto de partida da lenda no país da memória de Bachelard. O maravilhamento é a paisagem afetiva revestida ao mesmo tempo de alegria, de surpresa e melancolia. O instante simboliza um ápice de felicidade e a sua fuga "A fênix-martim-pescador nunca mais retornou à minha vida. No fundo vemos tão pouco as grandes coisas no curso de nossos dias". (BACHELARD, 1990, p.56)

Nessa paisagem afetiva, flores de fogo, pássaros míticos acendem o clarão da imaginação assim como: "os mais belos nenúfares brancos do mundo, mais brancos que as camélias, mais perfumados que o lírio [...]" (BACHELARD, 1990, p.57). Um intendo campo de imagens:

Nesse espaço entre dois pólos, seguiremos uma imaginação que se reprende por muito imaginar e uma imaginação que não pode se isolar numa imagem particular, uma imaginação que tem necessidade de unir a ninféia e o pássaro, a flor viva e a flor ardente! [...] (BACHELARD, 1990, p. 58)

Na fenomenologia é preciso acreditar numa imagem inacreditável, sem, no entanto, se entregar à credulidade. “O pássaro é um ser de espaço, de um outro lugar maior que o lugar que se desdobra ao longo dos caminhos da terra. O pássaro em seu voo é um espaço poético” (BACHELARD, 1990, p. 69-70).

A paisagem afetiva é paisagem vivida que renova o mundo, é uma grande lição do espaço. Tal espaço vivido que detém as imagens do mundo renasce sempre no coração humano, conforme Bachelard (1990) nos apresenta as asas felizes do pensamento nas cores do lugar que nos lega também uma paisagem-lembrança: um dia de verão, num céu azul e um pássaro voa no poema, a imagem nova renasce na nossa consciência.

A partir da consciência, podemos falar da apreensão estética de uma paisagem elaborada no corolário de nossas emoções e sentimentos, como espaço da consciência, afetivamente guardada nas nossas lembranças e que está presente nas nossas imagens também como fonte de criação. Pensar a paisagem como espaço do sensível e, também, como partida imediata da imagem, da imagem na consciência é a tarefa que nos colocaremos neste tópico. Os sentimentos e as sensações são também profundamente espaciais. Tal espacialidade inclui mundos vividos e mundos sonhados do sentimento e da consciência como responsáveis pelas ligações recíprocas entre mentes, mundo exterior, e o processo fundamental da vida, para o qual possibilita viver das sensações banais às sublimes, desde o prazer que constitui a reação aos paladares e cheiros, comida, vinho, confortos físicos, ao espanto e à iluminação que advêm da contemplação de uma paisagem, ou o afeto profundo sentido.

O fato é que tanto o sujeito, como a cultura e os sentimentos operam num espaço ontológico, tanto fenomenológico, como lócus da vida.

O lembrado, o imaginado, o sentido condensam as experiências que constituem o vivido num espaço que não é geométrico e num tempo que não é mera cronologia, condensam as esferas do ser articulando a solidariedade da imaginação com a percepção e as lembranças, gerando imagens que, se não forem visíveis, são ao menos visionárias, pois, na nossa consciência, a imaginação não fora sempre um cinema *avant la lettre*? Se deformarmos as cópias fornecidas pela percepção, tal como estabeleceu Bachelard, talvez haja nisto uma sugestão: a de que independente do órgão da visão, a consciência tenha o seu próprio dispositivo “óptico”, um “olhar” próprio da consciência que faz ver a imagem da imaginação.

Estamos num dado lugar, sentimos com todos os poros as sensações da paisagem, através dos órgãos dos sentidos que as captam e tal estado pode desencadear sentimentos que possibilitam até mesmo acionar a memória e provocar uma comoção que nos faz rir ou chorar, mas somos também esse lugar que nos afeta e projetamos sobre ele a força da nossa imaginação e numa via de mão dupla, quais relações de autonomia e interdependência podemos estabelecer entre a percepção, a emoção, os sentimentos, a imaginação e a memória?

Encontramos o espaço ontológico de Bachelard (2001) também profundamente associado ao sentimento e à emoção.

“Nossos sentimentos, nossos esboços de sentimentos, todos os estados mais secretos e mais profundos do nosso ser íntimo não estarão entrelaçados, da mais estranha maneira, com uma paisagem, com uma estação do ano, com uma propriedade do ar, com um sopro?” [...] Compreende-se então que von Hofmannsthal possa falar das “paisagens da alma”, paisagens infinitas como o espaço e o tempo (cuja) aparição suscita em nós um novo sentido, superior a todos os sentidos”. (BACHELARD, 2001, p. 174)

Os sentimentos azuis do céu, evocações de angústia ou felicidade advinda dos estados atmosféricos, dos estados contemplativos e estados d’alma. Cada paisagem é uma na topografia do ser íntimo no espaço habitado pela consciência. Bachelard (2003), no intuito de demarcar na sua metafísica da imaginação a ontologia da imagem, credita aquilo que corresponde à percepção e o que corresponde à memória como distinto da faculdade de imaginar, porém, não deixa de reconhecer, a partir da dialética entre a casa natal e a casa onírica, por exemplo, a dialética nas ligações entre a lembrança e a imaginação.

Na crítica que Bachelard (1993, p.18) impõe à obra de Bergson *Matéria e Memória*, ele reclama que a imaginação mal matiza as lembranças e advoga em favor da memória proustiana, pois, no âmbito da memória poetizada, Bergson estaria muito aquém de Proust. Desse modo, Proust e Bergson estão implicados a partir de uma perspectiva de enfrentar o problema ontológico do espaço vivido.

A experiência delinea, na *recherche* proustiana, um espaço sensual, sentimental, tocado e mobiliado pelo tempo como síntese do vivido. A imaginação, que para Bachelard é a potência maior da natureza humana, vem, por meio da função do irreal, da poesia, despertar o ser em seu adormecimento e em seus hábitos, ativar o imaginário e uma espécie de atração e concentrar as imagens em torno do espaço, na relação entre a matéria lembrada e a matéria imaginada. Embora Bachelard dê sempre a primazia para a imagem imaginada, é deveras importante para a compreensão da consciência essa interatividade da imaginação, com a lembrança, as sensações, os sentimentos e as emoções que estão plasmadas na obra de Marcel Proust, por exemplo, do mundo complexo, da recordação e da criação, das sensações e dos sentidos. A força da memória proustiana aponta para soluções inovadoras, ou seja, resolver um problema vai da força da lembrança até a navegação imaginária do futuro.

Imaginação, memória, percepção e emoções são territórios de fronteiras líquidas quando se trata da ontologia do espaço e colocar-nos problemas para se investigar e refletir todos eles na geografia requer aquilo que acertadamente afirmou Holzer (1996):

Acredito que dentro desta empreitada, em um momento em que as questões da geografia estão no plano da ontologia, todos os temas levantados pela geografia estão em aberto para a pesquisa, mas dentre eles o que mais desafia a renovação do campo da geografia cultural, e de toda a ciência geografia, é o da aplicação rigorosa, consciente e corajosa do método fenomenológico. (HOLZER, 1996, p.8)

A aventura da consciência a partir de uma ontologia fenomenológica bachelardiana abre possibilidades de compreender tais territórios com sensibilidade e beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a memória e imaginação são instâncias psíquicas distintas e a imaginação parece sempre a mais sedutora e misteriosa das faculdades da consciência, é inegável que haja entre elas total interação e interdependência, assim como também entre os sentimentos e a emoção que constituem o vivido. Naquilo que corresponde à fenomenologia bachelardiana – o devaneio como sonho acordado do poeta em seu mundo vivido –, apresenta-nos uma consciência intencional e traz a fenomenologia bachelardiana na ordem do dia para recompor o quadro teórico contemporâneo de estudos do imaginário. E, nessa revolução dos estudos da consciência, nos perguntamos então o que são as imagens? E, se já nos parecem mais claros os mecanismos da lembrança e da recordação, o mistério ainda recai sobre a matéria do esquecimento. Na dinâmica da imaginação, o espaço vivido é fator ontológico e coloca sob outra luz os estudos do imaginário. Neste sentido, há ainda muita navegação a ser feita nos rios da imagem e do imaginário.

Finalizamos com a fenomenologia a favor da mente consciente com uma compreensão deixada por Bachelard (1997) acerca da imagem de Ofélia, esta personagem de matriz shakespeariana, que um homem que não lê ficaria admiravelmente surpreso se lhe falássemos da beleza, da sedução e do encanto pungente de uma defunta arrastadas pelas águas claras do rio, enroscada às ervas e as flores: margaridas, papoulas, rosas e lírios. No plano da consciência, ainda vale a perspectiva do olhar de que “só vê uma imagem quem já a tiver visto”, pois uma imagem surge nova e poderosa na cultura e logo torna-se uma referência, sendo multiplicada em incontáveis roupagens, adornos e máscaras. Reconhecê-la, eis a tarefa no circuito intertextual da imagem. Como o exemplo da Ofélia que se multiplica em imagens diversas, além da literatura, na pintura, no cinema, na propaganda, mas como fenômeno na consciência, esta multiplica-se também porque conserva em tantas variações da beleza, do simbolismo, a emoção e do mistério. O mistério da emoção, por fim, renova-se como caminho possível para revitalizar a imaginação e nos trazer de volta para casa, conscientes de sermos nós mesmos.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio ao projeto de internacionalização do qual deriva este artigo.

REFERÊNCIAS

ALLIEZ, E. *Da impossibilidade da fenomenologia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

- ALMEIDA, F.F. A poética como ontologia da diferença. Ensaio sobre a filosofia de Gaston Bachelard. 2007. **Tese** (Doutorado em Filosofia). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- BACHELARD, G. **La poétique de l'espace**. 9a edição. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- BACHELARD, G. **Fragments d'une poétique d'une feu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988a.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BACHELARD, G. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- CANGUILHEM, G. **Sur une épistémologie concordataire**. In: BOULIGAND, G. (et al). *Homage a Gaston Bachelard: études de philosophie et d'histoire des sciences*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.
- CANGUILHEM, G. **La connaissance de la vie**. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1975.
- DAGOGNET, F. **Bachelard**. Lisboa: Edições 70, 1965.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- DURAND, G. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- GINESTIER, P. **Pour connaître la pensée de Bachelard**. Paris: Bordas, 1968.
- GOUIER, H. Gaston BACHELARD: **Études**. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1970.
- HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. São Paulo: Vozes, 2015.
- HOLZER, W. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século VI. 1998. **Tese** (Doutorado em Geografia). São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP. 1998.
- HOLZER, W. A GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REVISÃO. **Espaço e Cultura**, [S.l.], p. 137-147, maio 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142> Acesso em: 04 out. 2020.
- LESCURE, J. **Un été avec Bachelard**. Paris: Luneau-Ascot Éditeur, 1983.
- MINKOWSKI, E. **Le temps vécu. Études phénoménologiques et psychopathologiques**. Collection de Évolution Psychiatrique, Paris: J.L.L. D'Artrey, 1933.
- MINKOWSKI, E. **Vers une cosmologie: fragments philosophiques**. Paris: Aubier-Montaigne, 1936.
- PARIENTE, J. **e vocabulaire de Bachelard**. Paris: Ellipses, 2001.
- PESSANHA, J.A.M. Introdução In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- QUILLET, P. (org.). **Introdução ao pensamento de Bachelard**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- RAMNOUX, C. **Pour un nouveau tissu linguistique de la philosophie**. *Revue de métaphysique et de morale*, année 84, n. 4, oct.-déc., 1979, p. 521-535. Presses Universitaires de France: Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40901988>. Acesso em: 02 jun 2012.

SIMÃO, C.V. **As metamorfoses na filosofia de Gaston Bachelard:** da razão, da imaginação, da realidade, do sujeito, da filosofia. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011.

Recebido em: 24/05/2022

Aceito para publicação em: 18/10/2022